



Irmão Paulo Lachenmayer, O.S.B.,
magistral renovador da Heráldica
eclesiástica brasileira

Jorge Preto

SEPARATA DE

ARMAS E TROFÉUS
REVISTA DE HISTÓRIA, HERÁLDICA, GENEALOGIA E ARTE

IX SÉRIE
TOMO 24
2022

IRMÃO PAULO LACHENMAYER, O.S.B., MAGISTRAL
RENOVADOR DA HERÁLDICA ECLESIÁSTICA
BRASILEIRA*

*Jorge Preto***

RESUMO: de 1551, ano da fundação da diocese autónoma do Brasil, até 1822, data da independência política daquela antiga colónia portuguesa, a heráldica eclesiástica brasileira passou por uma fase de gradual declínio que só chegou ao seu termo no século XX. Esta situação ficou a dever-se não só à ausência, na estrutura da Igreja Católica, de um corpo de oficiais de armas competentes, à impreparação técnica dos desenhadores, mas também à exigua sensibilidade estética dos próprios armígeros. Em 1922, um jovem artista alemão, Ernst Lachenmayer emigrou para o Brasil e foi admitido na Ordem de São Bento como irmão laico, com apenas 19 anos de idade. Adoptou então o nome devocional de Paulo. Particularmente dotado para a arquitectura e a estatuária religiosas, revelou-se igualmente afeiçoado à heráldica e ao desenho gráfico, procurando harmonizar a influência recebida da «Arte Nova» germânica (Jugendstil) com um profundo amor pela tradição. Ao longo da sua vida no Mosteiro Beneditino da cidade do Salvador, na Baía, onde faleceu em 1990, o Irmão Paulo Lachenmayer conseguiu elevar a heráldica eclesiástica brasileira a um nível de beleza, harmonia e rigor científico nunca antes alcançado.

* O presente texto inédito, constitui o tema da lição de encerramento do VII Seminário Ibérico de Heráldica e Ciências da História, dedicado à Heráldica Religiosa, realizado na Universidade Lusófona, Lisboa, a 31 de Maio de 2014.

** V. a nota da p. 31.

ABSTRACT: From 1551 (year of the foundation of the autonomous diocese of Brazil) to 1822 (date of the political independence of that former Portuguese colony), Brazilian ecclesiastic heraldry went through a phase of gradual decline that only came to an end in the 20th century. This situation was due not only to the absence of a corps of competent officers of arms within the Catholic Church, to the technical unpreparedness of the designers, but also to the low aesthetic sensitivity of the majority of the armigers themselves. In 1922, a young German artist aged only 19, Ernst Lachenmayer, joined the Order of Saint Benedict in Brazil as a lay brother and adopted the devotional name of Paulo. Remarkably gifted in the sacred arts, for instance in religious architecture and sculpture, he was also very fond of heraldry and graphic design, aiming to harmonize the influence of the German New Style (Jugendstil) with a profound love for tradition. Throughout his life at the Benedictine Monastery in the city of Salvador, in Bahia, where he passed away in 1990, Brother Paulo Lachenmayer succeeded in raising Brazilian ecclesiastic heraldry to a level of beauty, harmony and scientific accuracy never before achieved.



fig. 1. O Irmão Paulo Lachenmayer no dia do seu jubileu monacal

Desde 1551 (ano da fundação da primeira diocese autónoma do Brasil, a da cidade do Salvador, na Baía, até 1822, data da independência política da

colônia), a heráldica eclesiástica brasileira sofreu o mesmo processo degenerativo por que passou a arte do brasão no Reino de Portugal, na generalidade das suas vertentes e aplicações. Relativamente à heráldica de família, por exemplo, a decadência teve origem na incúria burocrática de grande número dos oficiais de armas e, sobretudo, à sua falta de suficientes conhecimentos genealógicos e de adequada formação técnica e sensibilidade estética, o que, a partir dos séculos XVII–XVIII, os levou a brasonar com idênticas composições heráldicas, membros de famílias com o mesmo apelido mas sem qualquer relação de parentesco com os titulares das armas do tronco histórico e legítimo. Já quanto à heráldica eclesiástica, como se sabe, as causas da referida degradação qualitativa são outras. A Igreja nunca possuiu oficiais de armas, não intervindo na composição figurativa dos distintivos heráldicos das dioceses, prelazias, abadias e congregações religiosas em geral, nem dos clérigos enquanto pessoas singulares. No decorrer dos séculos e, modernamente, através da Sacra Congregação dos Ritos, tem-se limitado a disciplinar, de maneira teórica e genérica, de acordo com uma já antiga tradição, a forma e as cores dos atributos exteriores dos broqueis eclesiásticos, a fim de permitir uma perfeita identificação hierárquica dos armígeros.



fig. 2. Armas da Província Portuguesa da Ordem de S. Bento no Brasil



fig. 3. Armas da Congregação Beneditina do Brasil



fig. 4. Armas do Mosteiro de S. Bento da Bahia, juntamente com as da Congregação Beneditina do Brasil



fig. 5. Armas do Mosteiro de S. Bento da Bahia, juntamente com as da Congregação Beneditina do Brasil

Enquanto os mais altos cargos da hierarquia eclesiástica foram exercidos exclusivamente por membros da nobreza, os seus brasões de armas coincidiam com os emblemas heráldicos das respectivas linhagens — combinados ou não com os da jurisdição de que eles eram titulares ou da congregação a que pertenciam — apenas se distinguindo do armorial laico pelos possíveis quartéis de

função ou de devoção acrescentados, bem como pelos elementos exteriores representativos da sua dignidade religiosa: mitras, chapéus, estolas, báculos, cruzes, etc. Quando, porém, a nomeação para tais cargos se tornou extensível a dignitários sem foros de nobreza familiar, a escolha dos elementos interiores do escudo e a ordenação dos mesmos passaram a ser deixadas ao livre critério dos interessados. Não tendo estes, na maior parte das vezes, quaisquer conhecimentos sobre os cânones, tendencialmente universais, da ciência e da arte do brasão, nem sensibilidade estética bastante para evitarem as aberrantes escolhas ocasionalmente feitas, tão pouco cuidaram de pedir conselho a especialistas.



fig. 6. D. Jaime Barros, Cardeal Câmara, 4.º Arcebispo do Rio de Janeiro



fig. 7. D. Carlos, Cardeal Motta, 3.º Arcebispo de S. Paulo



fig. 8. D. Agnelo, Cardeal Rossi, Arcebispo Metropolitano de S. Paulo



fig. 9. D. Avelar Brandão Vilela, 2.º Arcebispo de Teresina e, mais tarde, Arcebispo de S. Salvador da Bahia e Cardeal Primaz do Brasil

Num valioso estudo publicado no Rio de Janeiro em 1963, a que deu o título de *Les Armoiries Ecclesiastiques au Brésil (1551–1962)* — trabalho onde apenas se encontram registadas as armas dos cardeais, arcebispos, bispos titulares e *in partibus infidelium*, assim como dos abades eleitos e confirmados pela Santa Sé — o respectivo autor, Luís Gardel, julgou possível distinguir três fases sucessivas na evolução da heráldica eclesiástica brasileira¹. Refere um primeiro

¹ GARDEL, Luís D., *Les Armoiries ecclésiastiques au Brésil (1551–1963)*, Rio de Janeiro, s.n., 1963. Refere este autor que houve dois projectos anteriores de publicação de um armorial

estádio que se caracteriza pela grande simplicidade das composições, já que as armas eclesiásticas coincidiam com as das famílias ou com as das ordens ou congregações dos titulares, distinguindo-se tão-somente pelos ornatos exteriores, representativos da sua dignidade hierárquica. No século XVII, generalizam-se os broqueis partidos e cortados, reservando-se o lugar de honra para os brasões das congregações. Na centúria seguinte, predominam os escudos esquartelados que, pela segunda metade do século XIX, se complicam em composições fantasiosas de enorme mau gosto, em tudo contrárias à luminosa simplicidade linear do desenho heráldico clássico. É o período em que imagens de santos, elementos dos reinos animal e vegetal, paisagens tropicais de figuração ingénua ou naturalista, se combinam com símbolos religiosos, monogramas, artefactos e objectos de culto mal estilizados.

Só por volta de 1940, como já brevemente assinala Gardel, a heráldica religiosa no Brasil passou por uma fase de marcante regeneração, graças ao saber e ao refinado talento artístico de um irmão laico, beneditino, de origem alemã, Paulo Lachenmayer. Conheçemo-lo em Salvador, em 1975–76, quando exercíamos funções de representação consular nos estados da Baía e Sergipe. Os nossos interesses comuns fortaleceram uma amizade que perdurou até ao falecimento do



fig. 10. D. António de Almeida Moraes, 4.º Arcebispo de Olinda e Recife



fig. 11. D. Hélder Câmara, 6.º Arcebispo de Olinda e Recife



fig. 12. D. Adalberto Sobral, 3.º Arcebispo de S. Luís do Maranhão



fig. 13. D. José de Medeiros Delgado 4.º Arcebispo de S. Luís do Maranhão

eclesiástico brasileiro: um de Monsenhor António Paes Cintra; o segundo do diplomata João Fonseca Hermes. Nenhum destes projectos chegou a materializar-se. Tive conhecimento de que o Professor Nivalson Miranda, entretanto falecido, apresentou uma comunicação sobre a Heráldica eclesiástica dos Bispos e Arcebispos Paraibanos, à VI Semana de Estudos Heráldicos do IBGE, realizada em S. Paulo. É possível que haja outros estudos similares de âmbito regional.

emérito heraldista, quando nos encontrávamos já em nova missão de serviço na Alemanha.

Segundo as investigações empreendidas no arquivo do Convento de São Bento de Salvador pelo Arquitecto Paulo Coelho Veiga, para uma notável dissertação de mestrado em desenho gráfico apresentada na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Baía, Lachenmayer nasceu em 1903, no burgo de Lengenargen, do antigo reino de Württemberg (actual estado de Baden-Württemberg), povoação bordejada pelo lago Constança. Na pia baptismal recebeu o nome de Ernst².

Filho de um mestre-de-obras e dono de um pequeno comércio de materiais de construção e monumentos funerários, que, algum tempo depois, se mudou com a família para Ravensburg, Ernst Lachenmayer ficou órfão de pai e mãe aos quinze anos, juntamente com um irmão mais velho e duas irmãs, adolescentes como ele, as quais se recolheram num convento beneditino local. O jovem, em que, desde a infância, despertara um inato talento para as artes,



fig. 14. D. Hugo Bressanede Araújo, Arcebispo titular de Cotraba e coadjutor de Belo Horizonte



fig. 15. D. João Batista Portocarreiro Costa, Arcebispo titular de Selge e auxiliar de Olinda



fig. 16. D. Marcolino de Souza Dantas, 1.º Arcebispo de Natal



fig. 17. D. Ranulfo da Silva Farias, 3.º Arcebispo de Maceió

² VEIGA, Paulo, «Irmão Paulo e o brasão da Escola de Belas Artes», in *A Tarde*, 19 de Julho de 2008; *idem*, «Irmão Paulo Lachenmayer, O.S.B. — Um artista alemão no mosteiro de São Bento da Bahia (1922/1990)», Salvador, Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, 2012 (dissertação policopiada com ilustrações a cores e a preto e branco, apresentada no âmbito do programa de pós-graduação em Artes Visuais). O autor refere ter-se baseado numa nota autobiográfica, manuscrita pelo próprio Irmão Paulo, que se encontra arquivada no Mosteiro de São Bento da Bahia; cf. tb. *ibidem*, «Paulo Lachenmayer, OSB — A arte germânica na Bahia» in *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, v. 108, Jan./Dez. de 2013, pp. 165–176.

decide candidatar-se a um lugar de aprendiz de escultura sacra numa oficina onde os postulantes ainda deviam percorrer os três graus tradicionais da iniciação operativa. Ali foi instruído pelo professor Theodor Schnell, o Moço (1870–1938), imaginário com algum renome na versão alemã da «Arte Nova» (Jugendstil). Afeiçoado, contudo, ao revivalismo romântico, o mestre também se interessou pelos estilos neogótico e neobarroco. Com a experiência transmitida ao seu aprendiz, este não tardou a obter o grau de oficial, após exame prestado na Câmara de Artes e Ofícios da cidade de Ulm, outro berço de famosos pintores e escultores.

Pouco tempo decorrido, as profundas transformações sócio-económicas por que passou a Alemanha na primeira metade do século XX, a par de uma herdada e sentida devoção católica que se converteu em ardente impulso para o exercício do apostolado cristão, despertaram no jovem artista o desejo de realizar o seu destino fora das fronteiras europeias. Juntamente com outros compatriotas seus, decidiu emigrar para o Brasil, a fim de ajudar a preencher a falta de vocações sacerdotais que na antiga colónia portuguesa se fazia já sentir, sob a influência do espírito de uma nova época. Ainda de acordo com as pesquisas de Paulo Veiga, desembarcou em Salvador a 13 de Agosto de 1922. Tinha então dezanove anos de idade³.

Ernst Lachenmayer ingressou no mosteiro beneditino da Baía, onde adoptaria o nome monástico de Paulo, mas nunca chegou a ser consagrado com vestes sacerdotais. Ali veio a expirar com a idade de oitenta e sete anos.



fig. 18. D. Adelino Machado, Arcebispo titular de Leontópolis e coadjutor de Maceió



fig. 19. D. Afonso Niehves, Arcebispo de Florianópolis



fig. 20. D. Frei Henrique Golland Trindade, Arcebispo de Botucatu



fig. 21. D. Acácio Rodrigues Alves, Bispo de Palmares

³ VEIGA, Paulo, dissertação citada.

Durante a longa existência em terra brasileira revelou plenamente o seu fino talento criador, cultivando com simultâneo e reconhecido sucesso nos meios artísticos brasileiros e, sobretudo, baianos, a arquitectura sacra, a escultura, a iluminura, a arte do brasão, a caligrafia artística e as artes gráficas⁴. Nem sempre bem compreendido pela então muito conservadora hierarquia diocesana, logrou harmonizar o seu amor pelos padrões tradicionais — em particular os cânones estéticos da Idade Média, sobretudo do período gótico e os do renascimento germânico — com uma manifesta vocação modernista, especialmente no domínio da escultura sacra e das artes gráficas. Esta sua abertura de espírito, valeu-lhe a respeitosa admiração de alguns dos mais famosos artistas baianos de vanguarda, dos quais, em larga medida, foi precursor.

Este cunho inovador da multifacetada actividade artística do Irmão Paulo Lachenmayer não o levou, muito embora, a descaracterizar os padrões vincadamente tradicionais da arte heráldica. Ao invés, graças ao labor dedicado e perseverante do irmão laico beneditino, o brasonário religioso brasileiro foi restituído à dignidade formal que perdera paulatinamente a partir do século XIX. Adquiriu até uma bem característica e particularizada revalorização qualitativa, já que a maioria dos membros da mais alta hierarquia do clero brasileiro passou a consultar o Irmão Paulo quando pretendia adoptar armas conformes com a respectiva dignidade e funções. Mas o



fig. 22. D. Alexandre Gonçalves do Amaral, 4.º Bispo de Uberaba



fig. 23. D. Epaminondas José de Araújo, 1.º Bispo de Rui Barbosa



fig. 24. D. José Bezerra Coutinho, Bispo Auxiliar do Bispo de Sobral



fig. 25. D. Frei Edilberto Dinkelberg, O.F.M., Bispo de Oeiras

⁴ Em 1960, o Arcebispo Dom José Newton de Almeida convidou formalmente o Irmão Paulo a colaborar com Oscar Niemeyer no projecto de arquitectura e ambientação do interior da Catedral Metropolitana de Brasília. Por razão desconhecida, a maioria das recomendações do frade beneditino nunca chegou a ser concretizada.

artista não se ocupou apenas da heráldica religiosa; criou ou remodelou, em figurações consentâneas com os paradigmas tradicionais da arte régia, numerosos brasões de instituições laicas e alguns de famílias brasileiras. Entre os primeiros, destaco os da Universidade Federal da Bahia e das suas faculdades e escolas superiores, da Universidade Católica de Salvador, da Universidade Estadual de Feira de Santana, das Academias de Letras e de Medicina da Baía, do Museu de Arte Sacra local, bem como de um ou outro município. Também desenhou uns poucos ex-líbris, entre os quais aquele com que quis obsequiar o autor deste trabalho, em amável testemunho de amizade, quando chegou ao termo das suas funções oficiais no Brasil.

Em certos aspectos das diversificadas criações do Irmão Paulo — e, em particular, num ou noutro desenho heráldico — transparece uma certa inspiração de Albrecht Dürer (1471–1528), o genial pintor e desenhador de Nuremberga, e provavelmente de alguns dos seus seguidores da segunda metade do século XVI⁵.

Talvez alguns cultores mais puristas da arte heráldica opinem que o frade beneditino, sobretudo nos escassos brasões de família que compôs, se tenha deixado oscilar entre as suas tendências inovadoras, desenhando escudos, elmos e paquifes assaz estilizados, e o seu pendor tradicional, que o terá levado a optar pela majestática força e densidade da arte heráldica alemã dos períodos renascentista e barroco. O único discípulo que parece ter formado ainda em vida, o baiano Victor Hugo Carneiro Lopes, lamentava-se pelo facto de as cerradas volutas dos lambrequins



fig. 26. D. José Nicomedes Grossi, 1.º Bispo de Bom Jesus da Lapa



fig. 27. D. Henrique Gelain, 3.º Bispo de Cafelândia



fig. 28. D. Almir Marques, Bispo titular de Arindela e auxiliar de Sorocaba



fig. 29. D. Francisco Austrágisilo de Mesquita, 2.º Bispo de Afogados da Ingazeira

⁵ Cf. WARNECKE, F., *Heraldische Kunstblätter*, Görlitz, Verlag von C. A. Starke, 1976 (aliás 1878); DÖPLER, S.J., Emil, *Heraldischer Formenschatz*, Berlin, J. A. Stargardt, 1898; Ströhl, H. G., *Heraldischer Atlas*, Stuttgart, Verlag von Julius Hoffmann, 1899.

concebidos pelo mestre que muito admirava, terem sido excessivamente permeadas, num ou noutro caso, conforme a sua opinião, pelo carregado delineamento dos brasões germânicos dos séculos XVI e XVII, que não possuem, é certo, a leveza e a abertura de contornos das cimeiras e paquifes do período áureo da armaria portuguesa. Parece incontroverso, contudo, que na arte do brasão como na criação artística em geral, é na adaptabilidade e volatilidade dos estilos que se exerce a livre aplicação dos cânones universais...

As composições originais de brasões eclesiásticos da autoria do mestre beneditino impõem-se, contudo, pela sua grande simplicidade, com atenta e rigorosa observação das regras formais da nobre arte e buscando sempre uma perfeita harmonia na escolha dos móveis e dos esmaltes. Na sua linear singeleza, as armas que desenhou e iluminou mantêm um cunho pessoal que bem as distingue, por exemplo, das típicas estilizações de outro ilustre armorialista de cultura germânica mas de nacionalidade suíça, Monsenhor Bruno Heim⁶, que também tivemos o privilégio de conhecer pessoalmente.

Mesmo na heráldica religiosa, optou quase sempre pelo escudo de extremidade arqueada, dito peninsular — muito comum, aliás, na armaria alemã em geral. Mas também fez uso de broqueis apenas ligeiramente arredondados nos cantos esquerdo e direito da parte inferior do rectângulo de base, como na heráldica francesa e na inglesa, mas sem o contra-chefe angulado. Ao que parece, nunca



fig. 30. D. António Mendonça Monteiro, Bispo titular de Sosusa e auxiliar do Cardeal Arcebispo Primaz



fig. 31. D. José de Aquino Pereira, 1.º Bispo de Presidente Prudente



fig. 32. D. Ângelo Maria Rivato, S.J., Bispo da Prelazia da Ponta das Pedras, Maranhão



fig. 33. D. Heitor de Araújo Sales, Bispo de Caicó

⁶ Cf. HEIM, Bruno Bernard, *Coutumes et Droit héraldiques de l'Église*, Paris, Bechesne, 1949; *idem*, *Heraldry in the Catholic Church — Its Origin, Customs and Laws*, Gerrards Cross, 1981.

recorreu a escudos de forma oval, ainda que, em toda a Europa, estes tenham sido muito frequentes, no passado, em brasões do clero e das instituições da Igreja.

Quanto à ordenação e composição interna das armas novas dos membros da hierarquia brasileira e das dioceses e congregações, muito raramente desenhou broqueis esquartelados, a não ser, no caso de eclesiásticos que houvessem optado pelos brasões da sua linhagem, como no caso de Dom Jaime, Cardeal Câmara, 4.º



fig. 34. D. Frei Caetano Lima dos Santos, O.F.M., 6.º Bispo de Ilhéus



fig. 35. D. Frei Quirino Schmitz, O.F.M., 1.º Bispo de Teófilo Otoni



fig. 36. D. José Lamartine Soares, Bispo titular de Frissala e auxiliar de Olinda

Arcebispo do Rio de Janeiro, onde se alternam as armas dos Raposos (tronco varonil dos Câmaras brasileiros) com as dos Barros. Outro exemplo é o escudo de Dom Ranulfo da Silva Faria, 3.º Arcebispo de Maceió, onde se intercalam os distintivos heráldicos dos Silvas e dos Farias. Mas em broqueis esquartelados também combinou armas de devoção com brasões de família, como ocorreu com o de Dom Alexandre Gonçalves do Amaral: no 1.º e 4.º, de azul, um peixe de prata segurando na boca uma chave da vida (um tau argolado) do mesmo metal; o 2.º e 3.º, o brasão dos Amarais. Os escudos partidos e cortados foram usados, na maior parte dos casos, para armas do brasonário familiar luso-brasileiro, como, por exemplo, as de Dom Carlos, Cardeal Mota, 3.º Arcebispo de São Paulo (partido de Motas e Vasconcelos) ou de Dom José Bezerra Coutinho, Bispo titular de Utina e auxiliar de Sobral (cortado de Coutinhos e Campelos). Em composições puramente devocionais, o Irmão Paulo usou ocasionalmente escudos talhados.

Com maior frequência, preferiu escudos inteiros, ou seja, sem partições, embora com uma ou duas peças honrosas e móveis de cunho simbólico. Num ou noutro caso, as armas, também sem partições, correspondentes aos apelidos dos

titulares, diferenciadas com elementos de significado religioso, como as de Dom João Baptista Portocarreiro Costa, Arcebispo titular de Selge e auxiliar de Olinda: o bilhetado dos Portocarreiros e, brocante sobre-o-todo, o Cordeiro Pascal, atributo simbólico de S. João Baptista. Outro exemplo é o distintivo heráldico de Dom Heitor de Araújo Sales, Bispo de Caicó: as armas dos Araújo, diferenciadas pela substituição do besante central por uma concha aberta, de prata, com uma pérola de sua cor. Também Dom Epaminondas José de Araújo, 1.º Arcebispo de Rui Barbosa, optou pelas armas dos Araújo, assumidas ou de sucessão, com o seguinte arranjo diferenciador: cortado de prata e azul, uma aspa entrecambada, completando a parte inferior em asna, carregada esta de três vieiras de peregrino de azul, e a parte superior da aspa com três besantes de ouro.

De notar que o mestre recorreu com alguma frequência, assim obtendo um surpreendente efeito visual, a peças de metais e esmaltes entrecambados. Documentam-no as armas falantes de D. Frei Henrique Golland Trindade, O.F.M., 1.º Arcebispo de Botucatu: um escudo girondado de seis peças, de vermelho e prata e, sobre-o-todo, um trevo entrecambado, figura alusiva à Santíssima Trindade e ao nome de família do purpurado. Refira-se ainda o brasão de armas de Dom José de Aquino Pereira, 1.º Bispo de Presidente Prudente (escudo de vermelho talhado de prata, uma cruz flordelisada, vazia e intercambada); ou o de Dom Florêncio Vieira,



fig. 37. D. Florêncio Vieira,
1.º Bispo de Amargosa



fig. 38. D. Roberto J. Fluck,
2.º Abade do Mosteiro de
Nossa Senhora da Assunção de
Itatinga



fig. 39. Diocese Primacial do
Santíssimo Salvador (1551)
(elevada a Arquidiocese do
Brasil em 1616)

1.º Bispo de Amargosa (escudo franchado de ouro e azul, com um *arbor vitae* em forma de cruz de Malta maçanetada com oito bolotas em cada ponta e a extremidade inferior sobre um mundo, tudo entrecambado); ou, finalmente, o distintivo herál-

dico de Dom António Mendonça Monteiro, Bispo Titular de Sosusa e Auxiliar do Cardeal Arcebispo Primaz (escudo partido de prata e vermelho, uma cruz, entrecambada, com os três braços superiores rematados com folhas de golfão e o pé aguçado).

Das peças honrosas que utilizou, destacam-se o chefe, o chefe-pala, a pala, a faixa, a banda, a asna, a aspa, o mantel e a cruz plena, firmada. Quanto aos móveis, recorreu aos seguintes (desacompanhados, repetidos, conjuntamente com outras figuras ou com elas combinados): cordeiro pascal, leão rampante sustendo um báculo ou um tau, leopardo segurando na garra dextra uma cruz patriarcal, pomba, pelicano, fénix, asas e voos inteiros, peixes, flores-de-lis, rosas heráldicas, espigas e grãos de trigo, cachos de uvas, um braço vestido e alado empunhando um bastão



fig. 40. Arquidiocese de Nossa Senhora Aparecida



fig. 41. Diocese de Nossa Senhora de Sant'Ana de Caicó



fig. 42. Priorado Conventual de Nossa Senhora do Desterro de Santos

flordelisado, corações, sol, crescente lunar, estrelas, chamas e línguas de fogo, crisma, monograma da Virgem Maria, cruzes latina, grega, bastonada, potenteia, floren-ciada, egípcia, campronada ou de Santo Antão, em aspa ou de Santo André e a da Ordem Militar de Cristo, cruzes de variadas formas saíntes de crescentes e com eles unidas numa só peça, anéis em cadeia, aneletes, as setas do martírio de São Sebas-tião, a roda do suplício e Santa Catarina, grades de quatro ferros, alusivas à carta de São Paulo a Timóteo, as chaves de S. Pedro, o báculo dito de Basileia (*Baselstab*), jugos, torres, navios, âncoras, pontes arqueadas, rolos de pergaminho e frequentes besantes aguados, figurando simbólicas fontes de água pura⁷.

⁷ As estilizações, da autoria do Irmão Paulo Lachenmayer, de alguns símbolos tradicionais cris-tãos (v.g. o crisma e certas cruzes como a de Santo Antão ou a pátea) aproximam-se bastante do traçado de outro grande artista gráfico e calígrafo germânico, Rudolf Koch (1876–1934),

No que concerne os atributos exteriores, representativos da categoria dos armígeros, seguindo a prática mais corrente, pouco usou mitras cardinalícias, arquiépiscopais ou episcopais, mas quase sempre o chapéu eclesiástico, também denominado capelo, com as cores e o número de borlas estabelecidos por longa tradição, bem como, consoante os casos, cruzes patriarcais, processionais e pálios. Só nos escudos de armas das várias jurisdições diocesanas figurou mitras, cruzes e báculos, bem como, nas armas abaciais, mitras e báculos velados. Como é de uso, em baixo de cada um dos escudos, num listel, inscreveu as respectivas divisas ou motes, sempre em latim. Invariavelmente, as iluminuras eram acompanhadas de uma folha, onde, em belo cursivo antigo, era identificado o titular, mencionando-se a sua hierarquia e funções, e se descrevia heralδικamente as armas com uma breve explicação do significado dos móveis nelas representados.

Quando nos encontrávamos já em serviço na Alemanha, o Irmão Paulo Lachenmayer, em sinal de grande amizade, confiou-nos 188 dos seus magníficos desenhos (186 iluminados e apenas 2 esboçados a preto e branco), para que pudéssemos mandar reproduzi-los fotostaticamente. Nunca ficámos a saber se constituíam réplicas exactas ou os primeiros originais, pois era de supor que estes devessem ter sido entregues aos interessados. Estávamos então convictos, porém, de que o belíssimo conjunto de desenhos pintados pelo frade beneditino não completava integralmente o repertório de armas prelatícias publicado, em 1963, por Luís Gardel. Parecia-me presumível que diferentes artistas locais e estaduais houvessem sido convidados a desenhar os brasões adoptados por outros membros do alto clero brasileiro contemporâneo. Mas destes trabalhos, pelo menos dos que nos foi dado conhecer, nenhum é passível de uma justa comparação com as criações do Irmão Paulo. Ele não foi apenas um profundo conhecedor da ciência do brasão e da simbologia cristã, mas igualmente um artista com apurada sensibilidade e amadurecida experiência.

Mandámos fazer duas cópias das pinturas que houve por bem confiar-nos, e, depois de cuidadosamente ordenadas, protegêmo-las com encadernações iguais, muito simples. Quando devolvemos ao artista os originais, ofertámos-

natural de Württemberg. Ao reconhecer uma certa semelhança, não pudemos concluir que tenha havido necessariamente uma influência consciencializada deste último sobre aquele, mas que ambos expressam bem as tendências de um revivalismo do estilo gótico na Alemanha, em finais do século XIX e durante a primeira metade do século XX, quer no desenho, quer na generalidade das artes gráficas, por inspiração das configurações matriciais da xilogravura estampada (A editora Dover Publications, de Nova York, levou ao prelo a importante obra de Rudolf Koch, *The Book of Signs*, com base na edição lançada, em 1930, pelo First Edition Club of London, a qual, por sua vez, constitui a tradução original, em língua inglesa, do *Zeichenbuch*, impresso na Alemanha, pela primeira vez, em 1926).

-lhe um dos dois únicos exemplares das reproduções, com uma justificação da tiragem e um índice, como passamos a descrever: 1. Brasonário arqui episcopal: cardeais e arcebispos metropolitanos e titulares; 2. Brasonário episcopal; 3. Brasonário diocesano; 4. Brasonário da congregação beneditina: arquiabades, abades e abadessas; 5. Brasões diversos.

Por infortúnio, ao proceder-se ao inventário do rico espólio documental deixado pelo irmão beneditino, falecido em 1990, não foram encontradas as iluminuras originais de sua autoria. Salvou-se, porém, o armorial constituído pelas cópias a cores que, em boa hora, mandámos executar e pessoalmente organizámos em dois únicos exemplares encadernados. Algumas pessoas próximas do artista — sabendo que ele se considerava insuficientemente apreciado e reconhecido por alguns dos superiores do seu mosteiro — admitem que, pressentindo aproximar-se, talvez, a hora da final libertação terrena, tenha decidido doar secretamente os desenhos a alguma instituição alemã, ou a parentes ou amigos com residência no país natal.

Através deste escrito, desejaríamos prestar homenagem ao inspirado frade heraldista, desconhecido fora das fronteiras do Brasil. Por ele guardamos um indelével sentimento de terno afecto e de veraz admiração. Confiamos que o Altíssimo o tenha acolhido sob o Seu manto de protectora e apaziguadora misericórdia.



fig. 43. Ex-líbris do autor deste artigo (gravado a buril por António Paes Ferreira, em 1979)

A maior parte das figuras aqui incluídas consta do *Armorial Eclesiástico Brasileiro* organizado pelo autor deste artigo (em dois únicos exemplares, um deles pertencente ao Mosteiro Beneditino da Baía), volume com 386 folhas, das quais 186 com as reproduções fotostáticas dos desenhos originais que lhe foram confiados, para o efeito, pelo Irmão Paulo Lachenmayer.